

# Homens na docência: Gênero, Raça e Desigualdades<sup>1</sup>

Diorge Santos da Costa

PCR / UFPE

Palavras-chave: Docência Masculina; Antropologia da Educação; Raça

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura refletir acerca das possíveis contribuições que a Antropologia traz para a Educação Básica, sobretudo para a primeira etapa que é a Educação Infantil. A discussão se dá a partir da seguinte problemática ou questão norteadora, qual seja: Como os professores homens negros dos anos iniciais, especificamente os presentes na Educação Infantil, se apropriam e/ou se utilizam dos conhecimentos vindos das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia, para ensinar e atuar em temas relacionados as questões de gênero e raça, no sentido de promover outras práticas didático-pedagógicas possibilitando uma equidade de gênero e raça em sala de aula?

Assim, pensando a inserção de docentes masculinos na Educação Infantil e os preconceitos enfrentados pelos mesmos, este estudo decorre das experiências vividas, das trocas de ideias entre colegas e de algumas observações diretas durante o período analisado que se deu de 2016 a 2021, após minha aprovação em concurso público na prefeitura do Recife e pretende trazer reflexões acerca dos homens imersos nesta etapa de ensino, tendo como campo de investigação, uma creche municipal do referido município.

Sei que a presença masculina na docência no âmbito da Educação Infantil ainda é um tabu e vem permeado de (pre)conceitos, devido a predominância de mulheres ocupando essa função. Por se tratar de um relato de experiência, esse trabalho também pretende fazer uma análise da trajetória profissional do pesquisador que vos escreve, que optou por atuar como docente na Educação Infantil. Mas afinal, como esse docente negro masculino é visto por seus colegas de trabalho? Como as famílias percebem sua atuação pedagógica? Como os discentes lidam com a presença masculina num ambiente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

majoritariamente feminino? Essas são algumas indagações que permearão o diálogo deste trabalho.

Sendo assim, vale salientar que ao longo da disciplina “Antropologia da Educação”, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, fomos convidados a refletir sobre temas diversos, perpassando a formação de professores, as relações de gênero e sexualidade, de Educação e raça, de Decolonialidade, Diversidade, Etnografia, Cultura, etc. E a partir dessas temáticas, vimos textos clássicos e contemporâneos e assim, muitos questionamentos surgiram ao longo da mesma, provocado pela docente da disciplina, no sentido de absorvermos ao máximo cada texto estudado e discutido em sala de aula, e é sobre eles que me pautarei na tessitura desse trabalho vigente.

Para este fim, como aporte teórico para o mesmo, dialogarei com teóricos e/ou estudiosos/estudiosas que dialogam com a temática, tais como: Louro (2016), Gusmão (2000), Ingold (2011), Miranda (2003), Amurabi (2014), Quadros e Nascimento (2015), Gomes (2015), entre outros que evidenciam a relevância da formação de professores e do ser homem na educação.

Para dar conta dos questionamentos acima suscitados, fiz uso da revisão bibliográfica e do processo de rememoração das observações diretas, vivenciadas na creche como instrumento metodológico para alcançar o objetivo pretendido por este trabalho, ou seja, refletir sobre a importância da inserção de homens negros docentes na Educação Infantil e a quebra de estigma e desconfiguração das masculinidades presentes nesta etapa de ensino, estabelecendo uma relação entre Antropologia, Educação e Diversidade.

Acredito que a metodologia da pesquisa se constitui como um dos elementos principais no processo investigativo. Como esse trabalho se dá através de um relato de experiência vivenciado pelo próprio autor/pesquisador, elencarei a abordagem do tipo etnográfica, pois, a Etnografia tem o papel de descrever a vida tal como é vivida e experimentada em um lugar específico num determinado tempo. Desse modo, me apoiarei em GEERTZ (2008, p. 4) que diz o seguinte: “Praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos, manter um diário de campo e assim por diante.”

Partindo dessa premissa, acredito que ao observar os olhares e atitudes comportamentais dos colegas de trabalho e dos familiares com a presença de um corpo negro masculino como docente numa creche, o mesmo causou estranhamento e de certo modo resistência ao profissional que se encontrava em sala de aula.

## **DA ACADEMIA À DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O ano era 2016 e início do ano letivo na prefeitura do Recife - PE, município o qual prestei concurso público e fui lotado numa creche municipal no bairro do Engenho do Meio, zona oeste do Recife. Tendo cursado licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, saí da universidade cheio de sonhos e vislumbrando ser um grande parceiro na transformação da sociedade através da educação. Contudo, ao me apresentar no local onde fui lotado, já percebi olhares diferenciados, pois, até então na unidade só haviam dois homens, um porteiro e um auxiliar administrativo. Ao me mostrar como profissional que iria para sala de aula, o estranhamento e alguns comentários foram quase que imediatos, como se um homem e negro não pudesse assumir uma sala de aula. Aqui fica bastante evidente as questões de gênero, raça e desigualdade que dá título a este trabalho.

Do meu ponto de vista, é como se um círculo fosse desfeito, pois, seria uma exceção em meio a regra já existente e continuada, todavia, não se pensou na formação do profissional que ali estava envolvido, nos anos na universidade e aprovação em concurso público, mas, a comunidade escolar ainda não estava preparada para esse “rompimento” em seu cotidiano. OLIVEIRA (2014) nos aponta que:

O antropólogo, ao levantar questões que aparentemente não teriam nenhuma relevância para outros pesquisadores, produz novos olhares para a compreensão dos professores, alunos e demais agentes sociais e elementos envolvidos na prática educativa. (OLIVEIRA, 2014, p. 4)

Essa fala do autor me traz reflexões acerca da relação e das perspectivas que são criadas para a escola pelas famílias, e essas projeções são bastante complexas, pois, no caso do professor do sexo masculino numa unidade de Educação Infantil, de certo modo, mexerá com uma estrutura já vigente que se propaga desde tempos imemoriais, com a demarcação feminina da profissão, expressando as desigualdades e atribuições de gênero e raça em nossa sociedade, uma vez que espera-se que as mulheres estejam à frente da educação de crianças, principalmente as mais novas, ao passo em que esse

trabalho não é valorizado socialmente dadas as precárias condições do exercício da profissão e a baixa remuneração.

Ainda nessa linha de pensamento, GUSMÃO (2000), faz-me refletir através de seu texto Os desafios da diversidade na escola, sobre essa diversidade existente, mas, muitas vezes invisibilizada ou simplesmente ignorada, ela traz a questão do indígena, do negro, etc e sabemos que isso perpassa a atualidade na sociedade em que estamos envolvidos. Nessa perspectiva, concordo com Quadros e Nascimento (2015) ao afirmar que:

Neste contexto de reivindicação de direitos e espaços, é previsível o surgimento de tensões e conflitos, sendo estes das mais diversas ordens, destacando-se aqueles baseados em diferenças social, racial, étnica, de orientação sexual ou de gênero que edificam hierarquias e desigualdades, bem como, constituem importantes marcadores de identidade construídos a partir de categorias e/ou grupos sociais minoritários ou excluídos. (QUADROS; NASCIMENTO, 2015, p. 249)

Como visto, diante da diversidade existente, a Antropologia dentro das Ciências Sociais, pode oferecer e/ou apresentar diversas formas para a compreensão dos professores acerca da realidade social que os rodeia, ajudando-os a refletir sobre esta mesma realidade por diversos outros pontos de vista, oferecendo assim, alternativas para a condução de suas aulas, inclusive na Educação Infantil a partir do lúdico, fazendo com que os estudantes trabalhem sua autonomia e percebam sua identidade.

Dentro do processo etnográfico, como dito anteriormente no início deste texto, busco compreender sua relação e contribuição nas pesquisas educacionais, hoje, enquanto estudante de Doutorado em Antropologia, essas questões me ficam mais evidentes, pois, entendo que a mesma irá proporcionar uma objetivação escrita sobre o fazer docente e as práticas pedagógicas cotidianas, que no momento da abordagem pelos colegas de trabalho, eu não soube argumentar com mais propriedade, apenas falei da minha formação acadêmica e conseqüentemente de minha aprovação no concurso, eu não estava naquele espaço para tirar o lugar de ninguém e esperava apenas exercer minhas atribuições enquanto docente e facilitar o processo de ensino-aprendizagem de meus alunos. Isso me remete a questões levantadas em sala de aula durante o curso da disciplina Antropologia da Educação, ao buscar entender o papel do educador e do antropólogo, Ingold (2011, p. 8) faz um contraponto com o tipo de abordagem que Leach também discute, a saber:

Esta é a abordagem, clamou Leach, não de um botânico ou zoólogo, mas do engenheiro. Engenheiros não estão interessados na classificação das máquinas, ou na delimitação taxonômica. Eles querem saber como máquinas funcionam. A tarefa da antropologia social, de forma similar, é entender e explicar como sociedades funcionam. Claro que sociedades não são máquinas, como Leach prontamente admitiu. Mas se você quer descobrir como sociedades funcionam, elas podem muito bem serem comparadas tanto com máquinas como com organismos. “As entidades que chamamos sociedades”, Leach escreveu, “não são espécies naturalmente existentes, nem mesmo são mecanismos feitos pelo homem. Mas a analogia com um mecanismo tem quase tanta relevância quanto a analogia com um organismo” (ibid., p. 6).

Compreendo que a Antropologia não é Etnografia, todavia, elas se complementam e fazem com que o pesquisador tenha maior propriedade no momento de descrever seu público investigado, importante salientar que este trabalho é um relato de experiência que se baseia na vivência do autor/pesquisador rememorando fatos ocorridos assim que é inserido numa instituição de Educação Infantil, nesse sentido, concordo com o excerto acima, uma vez que essa analogia é pertinente, pois, implica o envolvimento do sujeito diretamente em campo.

## **MASCULINIDADES, DOCÊNCIA E DESCONSTRUÇÃO DA FIGURA DO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nesta seção, abordarei questões relativas a minha vivência como docente na Educação Infantil e a desconstrução da figura masculina em sala de aula com crianças pequenas. A presença do homem ainda é vista com olhar cruzado numa tentativa de exclusão e não pertencimento a esse espaço educativo. Entendo que se trata de uma construção sócio-histórica, dentro de uma sociedade machista e patriarcal.

Estar/ocupar um lugar que outrora era composto exclusivamente por mulheres, se torna uma avanço para os homens e ao mesmo tempo um desafio, provavelmente pela inserção tardia dos homens na educação, sobretudo, na Educação Infantil. Já ouvi muito falarem sobre vocação para trabalhar com crianças e discordo piamente, pois, a formação acadêmica existe justamente para nos mostrar caminhos possíveis de atuação seja em qual área for pretendida pelo profissional da educação, especificamente, o/a pedagogo/pedagoga.

Miranda (2003), em sua dissertação de Mestrado em Sociologia fala-nos sobre a docência tardia dos homens. Lembro-me que em meu período de estudante secundarista, eu nunca tinha visto um professor homem atuando no antigo ensino primário, atual, Anos Iniciais da Educação Básica; Se formos analisar na atualidade, hoje ainda há a

reprodução de muitas questões que fazem com que o patriarcado continue dominando nossa sociedade, como exemplo, que o próprio Miranda traz em sua dissertação, a questão das cores azul para menino e rosa para menina. Essas questões vão se “perpetuando” ao ponto das escolhas das profissões no futuro e ensino de crianças pequenas, como já dito noutro momento, sempre foi majoritariamente executado por mulheres.

Entretanto é deveras importante refletir tanto sobre o local da mulher ocupado em sala de aula e os embates vivenciados diariamente, seja pela precarização em termos de valorização profissional, seja em relação a estrutura de trabalho, quanto pela sua ocupação por homens negros.

Baliscei e Saito (2021) trazem alguns questionamentos que são extremamente relevantes para refletirmos e discutirmos sobre a presença do homem na Educação Infantil. Vejamos a seguir: “Os homens podem e são capazes de atuar pedagogicamente com as crianças da Educação Infantil? Os homens podem realizar ações de cuidado com o corpo infantil? A sociedade está preparada para ver homens atuando na Educação Infantil?” (BALISCEI e SAITO, 2021, p. 298). Penso que esses questionamentos são bastante atuais e mesmo hoje tendo um número maior de homens na Educação Infantil, ela ainda tem em sua maioria mulheres na função, isso, não quer dizer que os homens não têm capacidade de executar tais atribuições e/ou tarefas, pois, o que vai ditar isso, é o comprometimento do profissional para com as crianças e as normativas estabelecidas por cada unidade educacional.

Esse pensamento, perpassa a cultura de gênero, sexualidade e raça que muitas vezes não estamos acostumados a discutir, por não termos propriedade sobre o assunto e ainda fazermos confusão, como nos traz Louro (2016):

São muitas e distintas as formas que assumimos para lidar com essas questões; distintos são os modos de conceber o que cabe fazer diante de tal horizonte político. Um olhar mais acurado e perspicaz poderá nos mostrar que nossas distinções e particularidades começam, efetivamente, bem antes da questão do “que fazer”: para sermos sinceros, nós nem mesmo compreendemos de um modo único o que vem a ser gênero ou sexualidade. Mas essa diversidade, que pode, aos olhos de uns, parecer catastrófica, também pode, aos olhos de muitos, ser saudada como indicadora da vitalidade e da contemporaneidade dos campos teóricos e políticos a que nos dedicamos. Disputas em torno de conceitos, de correntes, de métodos e de estratégias são sugestivas de teorias vigorosas, moventes, vivas. (LOURO, 2016, p. 205)

Quando paro para analisar essa colocação da Guacira Louro, me vem em mente questões políticas que também nos circundam, pois, fazer educação é fazer política, é proporcionar aos alunos o desenvolvimento de sua autonomia, sobretudo na Educação Infantil, além de trabalharmos isso, também pensamos no desenvolvimento integral do sujeito, ou seja, seus campos físico, cognitivo, psicológico e isso certamente incidirá na formação de cidadãos mais críticos. Essa sempre foi minha preocupação com meus alunos e aos poucos aquela figura estranha que se apresentava na creche, passa a se tornar referência e a ser reconhecido tanto pelos colegas de profissão quanto pelas famílias, desconstruindo assim, essa figura do homem presente na Educação Infantil.

Para Gomes (2015):

A escola não é um campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é um espaço sócio-cultural onde convivem os conflitos e as contradições. O racismo, a discriminação racial e de gênero, que fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileira, estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/as.

Compreendo que hoje os olhares e comportamentos dos educadores e educadoras estão mais aguçados para essa discussão, embora, muitas vezes não se desdobre para além da escola, por isso, a importância do diálogo entre Antropologia e Educação, no sentido de ampliar horizontes e fortalecer a consciência de classe, de gênero e de raça, que perpassam nossas unidades educacionais e precisam reverberar em toda a sociedade.

## **ALGUMAS (IN)CONCLUSÕES**

Este relato de experiência visou buscar uma relação entre a Antropologia, a Educação, os estudos de gênero e raça vivenciado pelo autor/pesquisador e chegou-se a compreensão do quão importante e complexa é a mesma, todavia a junção de ambas oferecem maior entendimento acerca das práticas educacionais presentes na Educação Infantil.

Também é salutar frisarmos que a presença do homem negro na Educação Infantil traz diversos benefícios ao desenvolvimento das crianças, como trazido pelos autores/autoras ao longo do texto, a diversidade de gênero e raça faz com que determinados padrões de comportamento sejam rompidos, o que favorece as vivências

pedagógicas junto às crianças, as vezes até sendo referência masculina quando não se tem a figura paterna em casa.

Importante lembrar que mesmo com a formação acadêmica e outros cursos que visem uma melhor preparação para atuar com crianças pequenas, é necessário também sensibilidade para entender as especificidades de cada faixa etária com que se vai trabalhar, para que tenhamos um resultado satisfatório e condizente com o que preconiza a LDB 9.394/96 e a atual BNCC - Base Nacional Comum Curricular.

Ainda é um desafio trabalhar na Educação Infantil sendo homem e negro, mas, hoje avalio de forma muito positiva o aumento de profissionais homens atuando nessa etapa da educação, diferente do ano de 2016 em que uma série de dificuldades eram postas (ao menos na experiência que vivenciei), como a resistência das famílias e dos estereótipos de gênero que são criados.

Essa questão de desconstrução desse corpo masculino negro em sala de aula com crianças rompe esse paradigma dos papéis que são atribuídos aos homens e as mulheres, carregado de forma arraigada pela própria História, mas, em meio as dificuldades apresentadas e desafios diários, esse ambiente educacional começa a ser mais “inclusivo”, a respeitar mais as diversidades existentes, a promover olhares diferenciados no sentido positivo, contribuindo para um ambiente mais harmônico e instigante tanto para a criança quanto para o docente.

Através de diversos estudos, hoje temos um certo respaldo teórico e metodológico para discutirmos sobre as práticas pedagógicas que envolvem os professores e professoras, desde o planejamento a execução de atividades com suas turmas, outro ponto salutar que não podemos esquecer, nem deixar de lado, é que na Educação Infantil existem dois eixos que são de extrema relevância no processo de ensino-aprendizagem que é “o cuidar e o educar”, por se tratar de crianças na faixa etária dos 0 aos 5 anos e 11 meses, as especificidades são diferenciadas e merecem ser respeitadas de forma onde a criança seja a protagonista de todo o processo, tendo o adulto como mediador do desenvolvimento das crianças.

Ter educadores do sexo masculino e negros na Educação Infantil faz também com que as pessoas (sociedade em geral) passem a visualizar estes profissionais como



quaisquer outros profissionais capacitados para executar sua função/cargo, tentando assim, romper com a hegemonia masculina, de que os mesmos só podem exercer atividades de uso da força ou de cargos de chefia, esquecem que são seres humanos e possuem também sentimentos que são vivenciados com os alunos, a partir da afetividade, da ludicidade, da gentileza e do ser didático mesmo.

Foi através desse tipo de posicionamento para com os estudantes e a família que estabeleci as relações sociais, dialogando junto a comunidade escolar, desde a gestão ao responsável pela busca da criança na unidade e assim, conquistei o espaço e o respeito pelo profissional que sou e que se identifica com a Educação Infantil, independente do sexo biológico e de minha cor da pele, compreendendo os percalços, dificuldades e estranhamentos por ocupar um lugar majoritariamente feminino e poder perceber as desigualdades que se atravessam e se presentificam. Esta é certamente uma das principais contribuições que a Antropologia me trouxe enquanto pesquisador e professor da Educação Básica.

## REFERÊNCIAS

BALISCEI, João Paulo; SAITO, Heloisa Toshie Irie. **Há um homem na Educação Infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças.** Gênero, Niterói, v. 21, n 2, p. 296-320. jan./jun., 2021.

GEERTZ, Clifford. **Os usos da diversidade.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 13-34, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, Raça e Gênero:** relações imersas na alteridade. Cadernos Pagu. 1996. p. 67-82, mar, 2015.

GUSMÃO, Neusa. **Os desafios da diversidade na escola.** In: GUSMÃO, Neusa Ma. Mendes de (org) Diversidade, cultura e educação. Olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2000, pp. 83-105.

INGOLD, Tim. **Antropologia não é Etnografia.** Tradução e revisão para a língua portuguesa brasileira feita por Caio Fernando Flores Coelho e Rodrigo Ciconet Dornelles, de acordo com texto original publicado em: INGOLD, Tim. Epilogue: “Anthropology is not Ethnography.” In: \_\_\_. Being Alive. Routledge: London and New York, 2011. pp. 229-243. Algumas notas de rodapé deste texto, originais ao livro, fazem

referência a capítulos deste. Link:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod\\_resource/content/1/Antropologia\\_nao\\_e\\_etnografia\\_-\\_por\\_Tim\\_Ingold\(1\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold(1).pdf)

MIRANDA, Marcelo Henrique G. de. **Magistério Masculino: (Re)Despertar Tardio da Docência**. 115 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Recife, 2003.

O, V, M; GAVA, T. UNBEHAUN, S. **Equidade de gênero na educação e nas ciências: novos desafios no Brasil atual**. Cadernos Pagu, n 63, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/indez.php/cadpagu/article/view/8668816>

OLIVEIRA, Amurabi. **Antropologia e formação de professores**. Revista Cocar. Belém, vol 8, n. 15, p. 23-30 / jan-jul 2014.

QUADROS, Marion Teodosio de; NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira do. **O Diálogo entre Antropologia e Educação: Experiências com a diversidade na formação de professores da Educação Básica**. *Amazônica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 244-263, mar. 2015.